



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-6, jan.-dez. 2023
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2023v24i1:e57240>

TRADUÇÃO

Como duas mentes podem conhecer uma única coisa

William James

Tradução

Sofia Inês Albornoz Stein*
siastein@me.com

Camila von Holdefer Kehl**
contact@camilavonholdefer.com

Recebido em: 28/02/2022.

Aprovado em: 06/04/2022.

Publicado em: 20/03/2023.

Resumo: *Como duas mentes podem conhecer uma única coisa* é um dos textos que William James (1842-1910) pretendia reunir sob o nome de *Ensaio sobre empirismo radical*, embora nunca tenha chegado a ver o projeto concluído. Trata-se da obra tardia do autor, quando este passou a desenvolver algumas das ideias que já se encontravam, em muitos casos de forma embrionária, no monumental *Princípios de psicologia*. *Como duas mentes podem conhecer uma única coisa* é um dos textos mais importantes desse esforço, uma vez que explica, de forma clara e elegante, um dos pilares do empirismo radical. Como o título já diz, James pretende mostrar como algo pode ser conhecido por duas mentes sem que haja aí uma duplicação, ou um recurso à noção de representação como duplicação de um objeto físico. James postula o conceito de experiência pura e indivisível que se desenvolve em estados de experiências momentâneas sucessivas. A experiência pura acrescenta a consciência à percepção de objetos. Nessa experiência indivisível ocorrem “apropriações” conscientes — que se dão de forma retroativa — das sensações dos objetos pelos sentidos. A consciência conquistada nessa apropriação marca a subjetivação e se dá a partir da inserção do algo sensível, resultante da relação com um objeto físico, na experiência individual. No instante da experiência pura, o objeto é ao mesmo tempo objetivo e subjetivo, não ocorrendo uma duplicação ontológica. Aí reside a resposta à pergunta posta no título: é possível *sentir* objetos sem duplicá-los.

Palavras-chave: Duplicação ontológica. Experiência pura. Experiências momentâneas. Percepção consciente. William James.

Em um artigo intitulado *A consciência existe?*,¹ tentei mostrar que, quando chamamos “consciente” a uma experiência, isso não significa que ela esteja, do começo ao fim, impregnada de uma modalidade peculiar de ser (ser “psíquico”), como um vitral pode estar impregnado de luz, mas que se encontra, em vez disso, em determinadas relações com outras porções de experiência alheias a ela mesma. Estas a inserem em um “contexto” especial; ao mesmo tempo, levando em conta outro contexto de experiência, a classificamos como um fato no mundo físico. Uma “caneta”, por exemplo, é, em primeiro lugar, um mero *isso*, um dado, fato, fenômeno, conteúdo ou qualquer outra designação neutra ou ambígua que você prefira utilizar. No artigo anterior, chamei a isso “experiência pura”. Para ser classificada ou como uma caneta física ou como o percepto de



Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1 James se refere ao *The Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods*. *A consciência existe?* [*Does Consciousness Exist?*], foi publicado em setembro de 1904. O presente artigo, cujo título original é *How Two Minds Can Know One Thing?*, foi publicado em março de 1905. Ambos integram o projeto dos *Ensaio sobre empirismo radical*, correspondendo aos números um e quatro, respectivamente, da lista elaborada por Ralph Perry após a morte do autor. Entre um e outro há *Um mundo de experiência pura* [*A World of Pure Experience*] e *A coisa e suas relações* [*The Thing and its Relations*]. (N. das T.)

* Unisinos – PPGFil; CNPq.

** Unisinos – PPGFil.

uma caneta, ela deve assumir uma *função*, e tal coisa só pode acontecer em um mundo mais complexo. Na medida em que tem, neste mundo, atributos estáveis, na medida em que contém tinta, risca o papel e obedece à condução de uma mão, é uma caneta física. É isso o que queremos dizer com ser “física”, no caso de uma caneta. Na medida em que, ao contrário, é instável, indo e vindo com o movimento dos meus olhos, mudando a partir daquilo a que chamo de meu capricho, na medida em que há continuidade com experiências posteriores ao seu “ter sido” (no particípio passado), é o percepto de uma caneta na minha mente. Essas peculiaridades são o que queremos dizer com ser “consciente”, no caso de uma caneta.

Na seção VI de outro artigo,² tentei mostrar que o mesmo *isso*, a mesma caneta numericamente idêntica de experiência pura, pode integrar vários contextos conscientes ao mesmo tempo, ou, em outras palavras, ser o objeto de várias mentes diferentes. Reconheci que não havia espaço para abordar, naquele artigo, certas objeções possíveis; mas, em um artigo posterior,³ me ocupei de algumas delas. Ao fim daquele artigo, disse que restavam algumas objeções que se afiguravam ainda mais impressionantes; então, a fim de tornar minha teoria da experiência pura tão sólida quanto possível, proponho-me agora a examinar tais objeções.



As objeções que tentei afastar antes eram meramente lógicas ou dialéticas. Foi dito que nenhum termo idêntico, quer físico ou psíquico, poderia ser o sujeito de duas relações ao mesmo tempo. Tentei provar que tal tese não tem fundamento. As objeções que agora se nos apresentam derivam especificamente da natureza dita inerente aos fatos psíquicos. Seja qual for o caso dos objetos físicos, um fato da consciência, diz-se (sem dúvida de forma muito plausível), não pode, sem cair em autocontradição, ser tratado como parte de duas mentes diferentes, e pelas seguintes razões.

No mundo físico, supomos sem maiores consequências que um único e mesmo objeto material pode figurar ao mesmo tempo em um número elevado e indefinido de processos diferentes. Quando, por exemplo, uma chapa de borracha é puxada a partir dos quatro cantos, uma unidade de borracha no meio da chapa é afetada por todos os quatro puxões. Ela *se propaga* em direção a cada um deles, como se puxasse a si mesma em quatro direções diferentes ao mesmo tempo. Assim, uma partícula de ar ou uma partícula de éter “integra” as diferentes direções do movimento aí imposto sem suprimir suas várias individualidades. Ao contrário, as oferece distintas a tantos receptores (ouvidos, olhos etc.) quantos possam estar “sintonizados” com esse efeito. O aparente paradoxo de uma distinção como essa resistindo no interior da composição é algo que, imagino, as análises feitas pelos físicos já esclareceram devidamente a essa altura.

Mas e se, com base nessas analogias, alguém perguntasse: “Por que, se uma ou mais linhas podem atravessar um único e mesmo ponto geométrico, ou se dois ou mais processos ativos distintos podem atravessar uma única e mesma coisa física a fim de que ela atue em cada um e em todos os processos ao mesmo tempo, dois ou mais fluxos de consciência pessoal não poderiam conter uma única e mesma unidade de experiência, a fim de que ela integre a experiência de todas as mentes diferentes ao mesmo tempo?”, a pessoa vacilaria ao pensar em uma certa peculiaridade pela qual o fenômeno da consciência difere das coisas físicas.

Enquanto as assim chamadas coisas físicas supostamente são permanentes e têm seus “estados”, um fato da consciência existe uma única vez e é um estado. Seu *esse é sentiri*; ele só o *é* na medida em que é sentido; e é clara e inequivocamente *aquilo* que é sentido, sem tirar nem pôr. A hipótese em questão, no entanto, o levaria obrigatoriamente a ser percebido de forma ambígua, a ser percebido como sendo neste mesmo instante parte da minha mente e de novo e ao mesmo tempo como *não* sendo parte da minha

2 O já mencionado “Um mundo de experiência pura”, publicado em outubro de 1904. (N. das T.)

3 O já mencionado “A coisa e suas relações”, também publicado em março de 1905. (N. das T.)

mente, mas da sua (pois a minha mente *não* é a sua), e isso se afiguraria impossível sem reparti-lo em duas coisas distintas, ou, em outras palavras, sem um regresso à filosofia dualista vulgar em que cada mente isolada conhece, por representação, seu objeto como uma terceira coisa — e isso seria o mesmo que desistir por completo da estrutura da experiência pura.

Podemos divisar, então, uma maneira pela qual a unidade de experiência pura possa se inserir e figurar em dois fluxos de consciência distintos sem — o que na nossa hipótese não deve ocorrer — vir a se transformar nas duas unidades?

II

Existe uma maneira; e o primeiro passo nessa direção é enxergar de forma mais precisa como a unidade se insere em qualquer um dos fluxos de consciência isolados. O que, partindo do “ser pura”, significa tornar-se “consciente” *uma única vez*?

Significa, em primeiro lugar, que novas experiências se seguiram; e, em segundo, que mantiveram determinada relação com a pretensa unidade. Continue, se assim desejar, a se referir à unidade pura como “a caneta”. Na medida em que as sucessoras da caneta não fazem senão replicá-la, ou na medida em que, ao se diferenciarem dela, se relacionam “energeticamente” com ela, todas formarão um grupo de coisas físicas existentes e estáveis. Na medida, no entanto, em que as sucessoras da caneta diferem dela de outro modo específico, a caneta figurará no contexto delas não como um fato físico, mas mental. Ela se transforma em um “percepto” passageiro, *meu* percepto da caneta. Porém o que é esse modo específico decisivo?

No capítulo sobre “O eu” no meu livro *Princípios de psicologia* [*Principles of Psychology*], defendi a identidade contínua de cada consciência pessoal como uma denominação para o fato concreto de que novas experiências⁴ têm lugar quando olho para trás, para as antigas, considero-as “calorosas” e as acolho e tomo como “minhas”. Essas operações significam, quando examinadas empiricamente, diversas coisas razoavelmente definidas, isto é:

1. Que o “conteúdo” da nova experiência tem um passado, e, naquele tempo, uma caneta que “era”;
2. Que o adjetivo “caloroso” também tinha relação com a caneta, no sentido de um grupo de sentimentos (“interesse” despertado, “atenção” atraída, “olhos” mobilizados etc.) que estavam estreitamente ligados a ela e que agora retornam, e retornam sempre com a nitidez intacta, ainda que, para a caneta de agora, que talvez seja apenas uma imagem, toda essa nitidez possa ter desaparecido;
3. Que tais sentimentos são o núcleo do “eu”;
4. Que o que quer que estivesse outrora associado a esses sentimentos foi, ao menos durante aquele momento único, “meu” — minha realização, caso estivesse associada às sensações das mãos, e meu mero “percepto”, se envolvesse apenas as sensações dos olhos e sentimentos de atenção.

A caneta, assim compreendida em retrospecto como meu percepto, figura então como um fato da vida “consciente”. Mas isso se dá apenas na medida em que a “apropriação” ocorreu; e a apropriação é *parte do conteúdo de uma experiência posterior* totalmente complementar em relação à caneta original “pura”. *Aquela* caneta, com potencial de ser tanto objetiva quanto subjetiva, é, no próprio aqui e agora, efetiva e intrinsecamente nenhuma das duas coisas. Ela tem, a fim de ser classificada segundo um ou outro modo específico, de ser vista em retrospecto e *usada*. Mas seu uso está, por assim dizer, nas mãos da experiência, enquanto *ela* permanece, ao longo da operação, passiva e inalterada.

Se essa descrição elabora uma explicação inteligível da maneira como a experiência originalmente pura pode vir a se inserir em uma consciência, a próxima questão seria como pode vir a, efetivamente, se inserir em duas.

4 Chamo-as de “pensamentos passageiros” no livro — a passagem em questão está no volume i.

III

É evidente que nenhuma variável nova precisaria ser fornecida. Tudo o que deveríamos ter de postular seria uma segunda experiência posterior, paralela e concomitante à primeira experiência posterior, na qual ocorreria uma ação similar de apropriação. As duas ações não interfeririam nem uma com a outra nem com a caneta pura original. Esta permaneceria imperturbável no próprio passado, independente de quantas sucessoras passassem pelas diversas ações de apropriação. Cada uma delas a conheceria como “minha” percepção, cada uma a classificaria como um fato “consciente”.

Sequer sua classificação como tal precisa interferir o mínimo que seja em sua classificação simultânea como uma caneta física. Na medida em que nos dois casos a classificação depende de sua inserção em um ou outro grupo de associações, se a experiência substituta tiver “amplitude” o suficiente, ela será capaz de pensar a caneta em ambos os grupos ao mesmo tempo, e ainda assim distinguir um e outro. Essa experiência então enxergaria a situação como um todo segundo aquilo que chamamos de “teoria da representação cognitiva”, e é isso que todos nós fazemos de forma espontânea. Como um homem filosofando de forma “popular”, acredito que a caneta com a qual me vejo escrevendo é dupla — penso nas suas relações com a natureza física, e também nas suas relações com minha vida pessoal; vejo-a na minha mente, mas também é uma caneta física.

O paradoxo da mesma experiência figurando em duas consciências não parece, portanto, paradoxo algum. Ser “consciente” não significa apenas ser, mas ser descrito, conhecido, ter consciência [*awareness*] de que se é somado àquele ser; e isso é simplesmente o que acontece quando a experiência de apropriação sobrevém. A experiência-caneta em sua imediatidade original não é consciente de si mesma, simplesmente é, e a segunda experiência é necessária para aquilo que chamamos de consciência [*awareness*] ocorrer.⁵ A dificuldade de entender o que acontece aqui não é, portanto, uma dificuldade lógica: não há contradição envolvida. É, em vez disso, uma dificuldade ontológica. Experiências ocorrem em escala gigantesca, e, se as tomarmos em conjunto, se mostram um caos de relações incomensuráveis que não podemos deslindar. Temos de levar em conta diferentes grupos delas, e lidar com esses grupos de forma separada se chegarmos a abordá-los. Mas como as experiências chegam a *ser construídas*, ou *por que* seu caráter e suas relações são exatamente como se revelam, mal podemos começar a compreender. Na hipótese, no entanto, de que, por bem ou por mal, elas *possam* ser construídas, e possam surgir nas sucessões que descrevi de maneira tão esquemática, precisamos admitir que mesmo que (como no início, quando citei o adversário) “um sentimento seja simplesmente a maneira como é sentido”, não há nada de absurdo na ideia de ser sentido de dois jeitos diferentes de uma vez só, isto é, como seu e como meu. E, de fato, o sentimento é “meu” apenas na medida em que é sentido como meu, e “seu” apenas na medida em que é sentido como seu. Mas não é sentido por nenhum de nós por si mesmo, porém apenas quando é “reclamado” por nossas duas experiências de recapitulação variadas, assim como uma propriedade indivisa é reclamada por vários herdeiros.

IV

Uma palavrinha, agora, antes de encerrar, a respeito dos corolários das visões apresentadas. Na medida em que a aquisição da qualidade da consciência de uma experiência depende de um contexto auxiliar, segue-se que a soma de todas as experiências, não tendo um contexto, não pode de modo algum ser chamada

5 Shadworth Hodgson põs uma enorme ênfase no fato de que o mínimo de consciência demanda dois subsentimentos, dos quais o segundo é uma retrospectiva do primeiro. (Cf. a seção “Analysis of Minima” [“Análise dos mínimos”] em seu *Philosophy of Reflection* [*Filosofia da reflexão*], volume i; e também o capítulo intitulado “The Moment of Experience” [“O momento da experiência”] em seu *Metaphysics and Experience* [*Metafísica da experiência*], volume i). “Vivemos avançando, mas compreendemos em retrospecto” é uma frase de Kierkegaard que Höffding cita. [H. Höffding, “A Philosophical Confession” [“Uma confissão filosófica”], *Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods*, volume ii, 1905].

de consciente. É um *aquilo*, um Absoluto, uma experiência “pura” em escala gigantesca, indiferenciada e indiferenciável segundo pensamento e coisa. Isso os idealistas pós-kantianos sempre reconheceram na prática, ao batizar sua doutrina de *Identitätsphilosophie*. A pergunta acerca da *Beseelung*⁶ do Todo das coisas não deveria, então, sequer ser colocada. Não mais do que a pergunta acerca da sua verdade, pois a verdade é uma relação no interior da soma total, que se obtém entre pensamentos e algo a mais, e pensamentos, como vimos, só podem ser coisas em contextos. Nesse sentido, as experiências puras da nossa filosofia, tomadas em si mesmas, são uma série de pequenos absolutos — a filosofia da experiência pura sendo apenas uma *Identitätsphilosophie* mais fragmentada.

Enquanto isso, uma experiência pura pode ser postulada com qualquer extensão, seja de tempo ou de campo. Se exercer a função retrospectiva e de apropriação em qualquer outra porção de experiência, esta última se insere, assim, no fluxo de consciência. Intervalos de tempo não fazem, nessa operação, nenhuma diferença fundamental. Depois de ter dormido, minha habilidade retrospectiva está em tão boa forma quanto entre dois instantes sucessivos do tempo em que estou desperto. Se, por conseguinte, milhões de anos depois, uma experiência retrospectiva desse tipo tivesse afinal de vir à luz, meu pensamento presente formaria uma porção genuína dessa vida consciente de longa duração. “Formaria uma porção”, digo, mas não no sentido de que as duas coisas pudessem ser, quanto ao ente e à substância, únicas — não podem, pois são fatos numericamente distintos —, mas apenas no sentido de que as *funções* do meu pensamento presente, seu conhecimento, seu propósito, seu conteúdo e, em resumo, sua “consciência”, tendo sido herdadas, continuariam quase inalteradas. Especulações como a de Fechner, a respeito de uma alma do mundo, ou de consciências mais vastas englobando as menores em todo o cosmo, são, portanto, filosoficamente válidas, dado que distinguem o ponto de vista funcional do da entidade, e não tratam a consciência menor em questão como um tipo de matéria-prima da qual as mais vastas *são feitas*.

6 Este verbo substantivado, do alemão, tem como raiz a palavra “alma”, isto é, no substantivo feminino “die Seele”. “Die Beseelung” teria como sentido “o dar alma” ou “o animar” algo. (N. das T.)



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-6, jan.-dez. 2023
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2023v24i1:e57240>